

Divergências podem dividir PMDB irremediavelmente após Convenção

Foto de Gilberto Alves

BRASÍLIA — O PMDB abre hoje uma Convenção Nacional Extraordinária que se encaminha para revelar, ao encerrar-se amanhã à noite, uma irremediável cisão de seus quadros e uma fase crítica nas relações com o Governo. Sucessivas reuniões mantidas nos dois últimos dias, em clima tenso, foram insuficientes para superar o impasse em que se encontram as negociações em torno do mandato presidencial, do regime de Governo e da política econômica a ser praticada no País.

Ontem à noite, o Presidente Sarney, o Deputado Ulysses Guimarães e o Senador Mário Covas — as três lideranças dominantes na Convenção — ofereciam novas indicações de que se evidencia um quadro de confronto. O primeiro teste do plenário da Convenção se estabelecerá hoje de manhã, quando a política econômica será posta em exame na presença do Ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Mas não haverá votações no primeiro dia. Antes, estará aberto o espaço, às diversas correntes em disputa, para que busquem aliados junto aos convencionais, que majoritariamente proclamavam ontem, ao chegar a Brasília, preferência por um mandato de cinco anos ao Presidente Sarney e pelo adoção do regime parlamentarista. Eles acusavam intensa pressão dos Governadores em favor dessas duas decisões.

Aos Governadores, no entanto, antes da pregação por qualquer período de mandato, inquietava ontem a evidência de um confronto no Partido. Depois, a recusa do Presidente Sarney em encontrá-los na residência oficial do Presidente da Câmara e do Partido, Ulysses Guimarães, em represália à interpretação de que o



Já está tudo pronto para o início da Convenção do PMDB, que começa hoje pela manhã

interesse dos Governadores em adiar decisões compreende a disposição de mantê-lo sob dependência.

Nesse quadro, em que não falta novo estreitamento nas relações entre Sarney e Ulysses, 727 convencionais estão concentrados em Brasília, onde começaram ontem manifestações de grupos organizados em defesa de eleições diretas para a Presidência no ano que vem.

O mandato presidencial, contudo, não é o único tema sobre o qual deverá deliberar a Convenção, reduzidas as chances de que os peemedebistas aprovem uma preliminar que transfere para a Constituinte a responsabilidade de deliberar sobre aquele e outros temas.

Por outro lado, o sistema de votação qualificada das convenções partidárias, que permite a um delegado ter até quatro votos, faz com que a Convenção do PMDB tenha 889 votos, apesar de apenas 727 delegados. Somente o Senador Fernando Henrique Cardoso (SP) alcançou o número máximo de votos por convencional.

Ele vota como parlamentar, como membro dos Diretórios regional e nacional e como Líder no Senado.

Ainda ontem, às vésperas do início da Convenção, havia quem não soubesse de quantos votos dispunha. O Senador Nelson Carneiro (RJ) confessava ignorar o número de votos a que tinha direito. Recebeu a explicação da secretária do PMDB há 22 anos, Dona Terezinha: Podia votar como Senador, como integrante do Diretório nacional e do regional. Ele preferiu, contudo, abrir mão do voto como membro da seccional fluminense.

Os delegados à Convenção estão divididos da seguinte forma: 45 Senadores, 259 Deputados Federais e 423 que não detêm mandato federal. Existe também uma variação na representatividade dos Estados, que vai desde os cinco votos de Roraima até os 110 de São Paulo. Minas Gerais é o Estado que terá o maior número de eleitores com mais de um voto, já que seus 89 convencionais têm direito a 107 votos.

AMEAÇA HISTÓRICA

Ulysses se dedica a salvar legenda

BRASÍLIA — Para o Deputado Ulysses Guimarães, a dramática Convenção do PMDB que preside hoje e amanhã representa a mais séria ameaça de implosão da sigla que há 20 anos grava em torno de seu nome. Em todas as convenções



Ulysses

que presidiu, Ulysses encarnou o discurso da unidade, possibilitando a convivência de políticos antagônicos. Desta vez, preparou-se para chegar identificado com um grupo, o que defenderia os interesses do Planalto. Com a mudança de posição do Governo, Ulysses abrirá a Convenção pensando, mais uma vez, apenas em salvar a legenda.

AS REGRAS DO JOGO

Credenciamento, o início dos trabalhos

BRASÍLIA — O PMDB inicia hoje, às 9 horas, no auditório Petrônio Portela, no Senado, a Convenção Nacional Extraordinária destinada a adotar um posicionamento sobre os temas programáticos que deverão ser incluídos na Constituição e outros, como o sistema de governo e a duração do mandato presidencial. Os trabalhos começam com o credenciamento dos 727 convencionais das seções regionais.

As 10 horas, as mesas de credenciamento começarão a receber as credenciais dos suplentes dos titulares ausentes. As inscrições para discursos serão feitas em três listas: economia, processo constituinte e sistema de governo e mandato presidencial.

Centro Democrático quer o confronto

BRASÍLIA — A disputa com o grupo de Mário Covas era tudo o que desejava o Deputado Expedito Machado, Líder do Centro Democrático. Finalmente, ele terá a possibilidade de ver o que esperava — um racha definitivo no PMDB — para tentar criar um novo partido, com partes do PFL, PL, PTB e outros. Uma nova agremiação para dar respaldo parlamentar fiel ao Presidente Sarney.

Ontem, um grupo de deputados moderados tentava um entendimento com o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna. A conversa nesses termos terminou quando entrou na sala Expedito Machado. O Deputado Israel Pinheiro Filho propôs:

— Vamos tentar contornar esta situação.

— De jeito nenhum. Vamos para o confronto — respondeu Expedito.

Israel tentou contra-argumentar:

— Isto não agrada a ninguém. O PMDB precisa de uma solução — disse Israel.

— Que se dane o partido — encerrou o diálogo Expedito.

Expedito quer formar o partido do Presidente Sarney. Antes resistente a esta idéia, o Líder Carlos Sant'Anna está cumprindo a estratégia deste ex-Ministro de João Goulart, ex-PSD e amigo do Presidente da República, também defendendo a disputa.

A tentativa de confronto com Covas e com os "progressistas" do PMDB não é nova nesta fase política de Expedito Machado. Logo após a eleição de Covas, ele reuniu os coordenadores de bancada, a pretexto de protestar pela escolha dos relatores, considerados muito à esquerda. Ganhou, com isto, a adesão dos coordenadores de Minas e Paraná, Marcos Lima e Borges da Silveira. Estava formado o bloco Centro Democrático.

Hoje, o bloco já não tem amparo nos coordenadores, é interpartidário. Nos cálculos de Expedito, deve ter 170 componentes.

A partir desse núcleo, ele pretende criar um partido novo, sem fazer questão da sigla do PMDB. Dando

Foto de Jamil Bittar



Expedito quer a implosão do PMDB

sustentação parlamentar ao Presidente, Expedito espera, de imediato, ampla reforma ministerial.

Apenas Marcos Lima e Carlos Sant'Anna ainda refutam a idéia de novo partido.

A tranquilidade dos dois está ba-

seada nas estimativas do Governo que indicam os cinco anos como tese majoritária. Mas, até ontem à noite, apesar das declarações de Sant'Anna e Expedito Machado, não havia decisão de Governo sobre se o melhor caminho é a transferência da decisão para a Constituinte ou se demonstrar sua força no voto, pois, conforme a avaliação de um assessor presidencial, se houver votação, fica nítida a divisão do partido.

— Será que vale a pena forçar uma barra para o confronto? — indagou o assessor, afirmando que "se a idéia é o confronto, pelas estimativas feitas, há grandes chances de sucesso".

Conforme a sua avaliação, se for feita a votação, qualquer resultado é prejudicial ao PMDB. Se prevalecer a tese defendida por Sarney — os cinco anos de mandato — ficará evidenciada uma divisão do partido; se forem os quatro anos — e a tese se mantiver na Constituinte — o PMDB terá de enfrentar, com os atuais desgastes, uma eleição difícil em 88.

Na disputa, a primeira derrota é de Ulysses

BRASÍLIA — No confronto que se desenhava até a noite de ontem entre os grupos liderados pelo Senador Mário Covas e pelo Deputado Carlos Sant'Anna na Convenção do PMDB, surgia uma primeira derrota: do Presidente do partido, Ulysses Guimarães, que vem articulando com todos os Ministros do partido e a maioria dos Governadores a transferência da discussão para o plenário da Constituinte.

Mas ele ainda torce para um entendimento que ontem parecia improvável. Até a hora do almoço, numa roda de jornalistas, Ulysses dizia que se a Convenção fosse naquele momento, o resultado seria a aprovação da preliminar transferindo o assunto para a Constituinte. Algumas horas depois, no Congresso, o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna, que defende os cinco anos, dizia que só votaria a preliminar se Covas, que insiste no mandato de quatro anos, fizesse o mesmo.

Caso contrário — comentava —, vamos bater chapa. Vamos decidir no voto. Temos maioria folgada.

A poucos metros de Sant'Anna, Covas, batendo-se contra a preliminar, ironizava:

— É pena que o Sant'Anna siga a minha orientação apenas sobre a preliminar. Deveria me acompanhar também no mandato.

Ulysses e sua preliminar, pelas contas feitas até por pessoas mais próximas a ele, como o Deputado Heráclito Fortes, só terá chances de vitória se somar votos como o Grupo de Carlos Sant'Anna. Unidos — como reconhecem até os "progressistas" que ainda continuam apostando no impacto moral do pronunciamento de Mário Covas aos convencionais, formam uma força demolidora dentro do partido.

No confronto, surgem sérias chances de se aprovar o mandato de cinco anos, mas com parlamentarismo. Ulysses, um presidencialista que olha com desconfiança os defensores do parlamentarismo, comentou ontem a proposta do Governador de Goiás, Henrique Santillo:



Sant'Anna: confronto com Covas

— Se forem aprovados os cinco anos com parlamentarismo será menos pelo desejo de que passe esta proposta e mais por se tratar de algo em torno do qual se pode chegar ao entendimento.

Ele entende que é uma solução casuística, na medida em que muitos defensores do mandato de quatro anos aceitam os cinco se for atrelado ao parlamentarismo. Para ele, uma repetição do que ocorreu com João Goulart em 1961.

Mas, com a derrota da preliminar, é o horizonte que os peemedebistas estão enxergando ao final da Convenção.

O passo seguinte será decidir pelo sistema de governo. Nos três grupos que se formaram dentro do partido, há uma nítida tendência parlamentarista. Não se sabe apenas qual a forma deste parlamentarismo. Para o grupo de Ulysses, deve ser o mais "mitigado" possível, deixando bastante poderes nas mãos do Presidente da República. Mas, como diz Ulysses, isto é algo que tem de ser mais discutido.

Líder afirma que mesmo derrotado fica no PMDB

Foto de Gilberto Alves

BRASÍLIA — Todo o grupo de parlamentares comandado pelo Senador Mário Covas tinha ontem como certa a vitória dos cinco anos de mandato para o Presidente Sarney, uma vez derrubada a preliminar da transferência da Convenção.

— Se perder — garantiu o Senador —, não saio do partido. E vou vencer quem quiser sair a ficar. Vou seguir brigando, e cada vez mais, dentro do PDB.

A derrota não assusta o grupo de Covas. A intenção de votar o mandato de Sarney é mais importante que os quatro ou cinco anos. O projeto político agora é marcar uma separação entre eles e os "moderados", projetando Covas como uma figura popular, como única alternativa a enfrentar adversários fortes numa eleição direta.

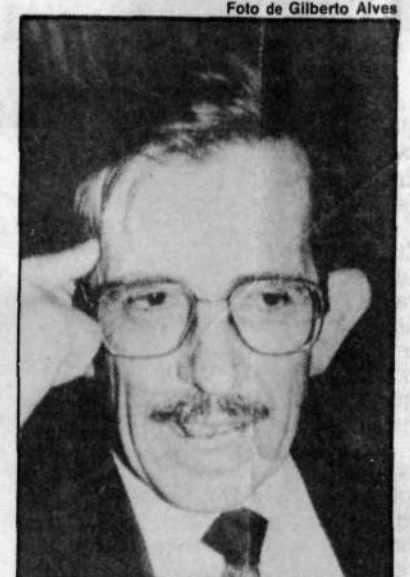
— Podemos criar o MDB, tirando o P de PP — lembra o Vice-Líder Antônio Perosa.

Os vice-líderes de Covas estavam satisfeitos, ontem, depois da decisão tomada de não negociar. Havia, no entanto, alguma decepção com as notícias de que nomes da "esquerda" estavam com os cinco anos, amarrados em compromissos fisiológicos.

— Assim fica difícil construir um País — dizia Paulo Macarini.

O grupo de Covas começou a ser constituído depois da eleição para a liderança do PMDB na Constituinte. Os dois primeiros a chegar foram Euclides Scalco, antes mais ligado a Ulysses Guimarães, e Paulo Macarini, que havia votado em Luiz Henrique. Robson Marinho, Antônio Brito e Antônio Perosa completaram o grupo inicial. Em seguida, Miro Teixeira e Pimenta da Veiga, decepcionados com Luiz Henrique, reforçaram o grupo.

Covas contou sempre com a colaboração de José Richa. O ex-Governador do Paraná ajudou a sua eleição e depois ficou fazendo uma espécie de pêndulo entre Covas e o Presidente Sarney, patrocinando dois encontros entre eles. Richa é o elo preservado para os contatos com



Scalco: um velho aliado de Covas

o Palácio do Planalto e outros setores mais "moderados".

— Senti um comichão muito grande para ir ao comício das diretas, mas não fui. Eu não tinha ainda uma decisão do partido — é assim que Covas define a sua relação com o PMDB. Um seguidor de seu programa e das decisões da maioria.

Hoje, porém, ele se mostra arrependido de não ter enfrentado Orestes Quércia na Convenção que escolheu o candidato do PMDB ao Governo de São Paulo. Não gostou de ter conciliado posições em vez da disputa interna.

É foi na disputa interna que jogou toda a sua estratégia desde que voltou ao Congresso. Confiou na rebelião da bancada, virando com um discurso a preferência até então existente por Luiz Henrique para a liderança. O mesmo tentará amanhã. Vai novamente disputar confiando nos argumentos sobre as histórias do PMDB e o final da transição. Vai cobrar promessas não cumpridas e apresentar a sua coerência partidária como a grande alternativa popular do PMDB.